



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAPECURU MIRIM - CESITA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS

**MARIA HELENA SOUSA MATOS**

**POLÍTICAS PÚBLICAS DE FORMAÇÃO DO LEITOR E LETRAMENTO EM  
ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: – Possibilidades e Limites.**

ITAPECURU MIRIM, MA

2015

**MARIA HELENA SOUSA MATOS**

**POLÍTICAS PÚBLICAS DE FORMAÇÃO DO LEITOR E LETRAMENTO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: Possibilidades e Limites.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Letras Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e respectivas Literaturas da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Samira Diorama da Fonseca

**MARIA HELENA SOUSA MATOS**

**POLÍTICAS PÚBLICAS DE FORMAÇÃO DO LEITOR E LETRAMENTO EM  
ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: – Possibilidades e Limites.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Letras Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e respectivas Literaturas da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Samira Diorama da Fonseca

Aprovada \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª Esp. Samira Diorama da Fonseca

Orientador

---

Examinador 2

---

Examinador 3

“Ninguém educa ninguém,  
ninguém educa a si mesmo, os  
homens se educam entre si,  
mediatizados pelo mundo.”

Paulo Freire

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, pela vida e pela oportunidade de evolução na Terra; pela sabedoria pela chance e pelo privilégio que mim foi oferecido, tanto no repartir por seu tamanho conhecimento, como por mim permitir de frequentar este curso.

A minha família principalmente a minha mãe por ter mim ajudado nos momentos de fraquezas.

A todos os professores pelo carinho, dedicação e entusiasmo demonstrado ao longo do curso.

Aos amigos de classes que foram de fundamental importância no decorrer do curso.

Enfim, agradeço, individualmente, a todas as pessoas por sua ajuda, seja direta ou indireta, na elaboração e na construção deste trabalho.

## RESUMO

Este trabalho monográfico apresenta algumas formas que se dá à leitura dentro e fora das salas de aulas e como as Políticas Públicas podem ajudar nesse processo sabendo que a educação é vital para a conquista do desenvolvimento social e econômico de um país. É através desta que a sociedade tem a aquisição de conhecimentos é através desta que uma nação cresce, aumentando sua renda e a qualidade de vida das pessoas, mas o Brasil ainda está longe de ser um modelo em educação, pois o processo é lento e precisa sobretudo de paciência e principalmente ação. Nenhum país prossegue tendo uma educação problemática e impenetrável, ou seja, aonde muitos ainda não têm nem se quer uma escola digna para estudar, todos precisam ter acesso à educação e de qualidade. Sabemos que o grau de analfabetismo ainda é grande no Brasil, mas podemos ter expectativas por um ensino melhor e de qualidade. Quando o Brasil aprender a usar as Políticas Públicas de forma correta terá uma educação bem desenvolvida com aspectos positivos.

**Palavras Chaves:** Educação, Políticas Públicas, Conhecimento.

## **ABSTRACT**

This monograph presents some of the ways that reading inside and outside the classroom and how public policies can help in this process knowing that education is vital to the achievement of social and economic development of a country. It is through this that society has with the acquisition of knowledge is through this that a nation grows, increasing their income and quality of life, but Brazil is still far from being a model in education because the process is slow and needs especially patience and mainly action. No country continues having a problem and impenetrable education, ie, where many still have not even a decent school to study all need access to education and quality. We know that the level of illiteracy is still big in Brazil, but we have expectations for a better and quality education. When Brazil learn to use public policies correctly will have a well-developed education with positive aspects.

**Key Words:** Education, Public Policy, Knowledge.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2. CONCEITUALIZAÇÃO SOBRE LEITURA</b> .....	<b>12</b>
<b>3. HISTÓRICO DO ENSINO DE LEITURA NO BRASIL</b> .....	<b>15</b>
3.1 Isabel Solé .....	20
3.2 Igedore Vilaça.....	24
3.3 Angela Kleimam.....	27
<b>4 A DEFICIÊNCIA DE LEITURA NO BRASIL</b> .....	<b>30</b>
<b>5 POLÍTICAS DE LEITURA NECESSÁRIAS PARA O BRASIL</b> .....	<b>35</b>
5.1 A leitura e seu poder de transformar a sociedade.....	39
5.2 Algumas condições para se fazer bons leitores .....	43
<b>6. CONCLUSÃO</b> .....	<b>47</b>
Referências .....	48



## 1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que a leitura é indispensável para se ter uma vida social de respeito, mas, para se ter uma boa educação, torna-se necessário um investimento maior, e esse com certeza é um dos maiores problemas enfrentados pela sociedade brasileira. Há um receio ou quem sabe até muitas vezes falta de interesse em investir na educação. Exemplo é o pouco caso dado para com os professores que são pouco valorizados logo eles que tem um papel fundamental no desenvolvimento da educação.

Segundo Kleiman “a formação precária do professor na área de leitura, bem como o desconhecimento dos resultados da pesquisa na área trazem consequências negativas para a qualidade de ensino”.

Diante de tal ideia fica a dúvida, como podemos formar leitores fluentes se nem os capazes de tal incumbência estão sendo valorizados, mesmo sabendo das consequências negativas que são trazidas com a falta de empenho por parte do poder público para com a educação?

A leitura é algo indiscutível na vida do ser humano, a busca pelo saber é um procedimento contínuo para aqueles que visam buscar excelentes resultados em sua vida.

O ato de ler é um procedimento compreensivo; é um procedimento de captar, de entender o mundo a partir de uma qualidade particular do homem, onde isso só é possível através da leitura que é quando somos induzidos e aprendemos a ver o mundo em vários ângulos.

A obrigação de desenvolvermos a natureza de leitores funcionais está fortemente conectada ao contíguo simultâneo de medidas que abarcarão o estado e a sociedade. A leitura necessita ser sempre um círculo e nunca uma terminação, deve ter várias funções, pois é desigual ler para se brincar, para estudar, para escrever, para pesquisar etc.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) aconselham que o aluno possa, em determinados tempos, recomendar as competentes leituras acomodar-se, dessa maneira, suas prioridades para o aprendizado da leitura.

Sabe-se que a leitura é ainda um dos pontos indispensáveis para se abranger uma vida sociável e bastante comunicativa, e um dos pontos mais

relevantes está centrado em ter uma boa educação e investimento voltados para a infraestrutura e formações voltadas para o corpo docente, assim, preparando-os para exercer de forma qualitativa e desenvolvendo boas funções na prática de leitura.

Nesse ponto de vista a comunidade deve se reunir e cobrar dos representantes mais bibliotecas, mais acesso a informação e distribuição de paradidáticos que incentive a prática de leitura.

É evidente que a leitura possibilita o crescimento intelectual e forma uma sociedade sabedora de seus direitos e deveres, ou seja, seres capazes de ver o mundo de forma diferente.

Porquanto possibilita a construção do pensamento crítico, contribuindo para que a população tenha acesso a uma qualidade de vida digna, visto que é um instrumento que faz o indivíduo criar valores vinculados pela sociedade.

Políticas Públicas de formação do leitor e letramento em espaços não escolares: – Possibilidades e Limites têm como objetivo levar aos cidadãos assim como a formação do leitor e quão se dar fora do recinto escolar e como as Políticas Públicas podem ajudar nessa formação e quais suas possibilidades de ter um resultado positivo ou negativo.

No transcorrer do trabalho mostraremos algumas políticas de formação do leitor assim como seus objetivos também mostraremos como a educação fora do âmbito escolar pode transformar a sociedade e a forma que algumas Políticas Públicas estão ajudando no processo ensino aprendizagem.

Deste modo o que queremos mostrar neste trabalho é a importância da leitura dentro e fora da sala de aula às várias formas que se da, a questão das Políticas Públicas acerca da educação como estão ajudando ou como funciona a melhor forma de se utilizar essas políticas.

É importante destacar que o ato de ler precisa levar o aluno à compreensão do texto lido, para que, a partir desse ponto, ele seja capaz de construir significados e produzir outros textos.

Portanto, atentou-se para a preparação deste trabalho e, para tanto, apoiou-se nos seguintes teóricos, Ângela Kleiman (2011), Ingedore Koch (2009), Isabel Solé (1998), dentre outros.

Apresentaremos como tópicos leitura na compreensão de escritores de consideração a inserção da família na vida escolar dos filhos, A como o seu papel na

vida dos filhos pode ajudar no desenvolvimento escolar. Pois este recebe influência da família, da escola e da sociedade.

Considerando então que é na escola onde os indivíduos aprendem a ler e onde exercitam esse aprendizado, o estudo das práticas pedagógicas e da participação da família nesse processo é essência.

## 2 CONCEITUALIZAÇÃO SOBRE LEITURA

Os artifícios do mundo moderno atentaram as pessoas a abandonar a leitura de livros, o que procedeu em jovens cada vez mais desinteressados pela leitura, existindo uma linguagem cada vez mais carente. Sabe-se que a leitura possibilita o crescimento intelectual e forma uma sociedade sabedora de seus direitos e deveres, ou seja, seres capazes de ver o mundo de forma diferente.

Chegamos ao século XXI com um grande desafio, de formar uma sociedade de leitores, mas isto está longe de ser concretizado por vários motivos, entre os quais se inclui a adequação do ensino ao desenvolvimento humano, pois os mesmos deveriam ter um preparo bem cedo pra quando chegasse a certo nível de ensino não sentissem tanta diferença na mudança possibilitando o crescimento educativo.

Mesmo considerando a grande diversidade de experiências culturais e condições socioeconômicas dos alunos, os grandes avanços tecnológicos estão ajudando a diminuir os leitores, pois muitas vezes as pessoas se prendem ao mundo virtual com conteúdos pobres impossibilitando de ler um livro aonde o seu nível de conhecimento aumentará, não podemos deixar de lembra que a internet tem vários conteúdos como livros para serem impressos, mas as pessoas são tão desatenciosas que não se preocupam em ler então ficamos nos perguntando diante de tantos recursos porque será que a sociedade esta tão displicente a leitura?

Ler é uma ação de que permite ao ser humano se apropriar de conhecimentos que serão de extrema importância para o seu desenvolvimento intelectual e que jamais serão perdidos, proporcionando uma vida de descobertas e estabilidade sendo assim porque tanto desinteresse por parte de nossos alunos em se empenhar em aprender?

Segundo Brandão:

Ao promover a interação entre indivíduos, a leitura, compreendida não só como leitura da palavra, mas também como leitura de mundo, deve ser atividade constitutiva de sujeitos capazes de interligar o mundo e nele atuar como cidadão (BRANDÃO, 1997, p.22).

Portanto o que Brandão quis repassar é que a leitura é como se fosse um descobrimento de mundo, aonde o sujeito tem que ser capaz de fazer tais descobertas, descobertas estas que só serão capazes se eles estiverem um aprofundamento no mundo da leitura possibilitando esse processo.

Não devemos esquecer a questão do ensino da leitura onde a maioria dos cidadãos acha que é dever somente do professor de Língua Portuguesa onde na verdade todos os professores independentemente qual disciplina leciona tem por dever ensinar a prática da leitura.

Se cada professor exercer seu verdadeiro papel que é de ensinar o mundo se tornará bem mais desenvolvido na questão de leitura se com isso os alunos não sofreram por não ter tido a chance de aprender a matemática que às vezes se torna chata porque o professor não se dá ao trabalho de explicar corretamente as questões?

A formação dos leitores não é tarefa exclusiva dos professores de Língua Portuguesa, mas é compromisso de todos educadores, que formam leitores, caracterizando, assim, uma dinâmica multidisciplinar sustentada, necessariamente, por princípios consistentes (RÖSING, 1996, p.22).

Às vezes os alunos não conseguem decodificar uma simples questão de matemática não porque ele não saiba resolver, mas por não conseguir interpretar a questão dificultando assim o entendimento a cerca da questão e isso ocorre apenas porque existe falta de uma leitura profunda no cotidiano dificultando o entendimento dos nossos alunos e com isso não conseguem fazer uma simples interpretação textual.

De acordo com Gagliari:

O aluno muitas vezes não resolve problemas de matemática, não porque não saiba matemática, mas porque não sabe ler o enunciado do problema [...] Porque de fato ele não entende mesmo é o português que lê. Não foi treinado para ler números, relações quantitativas, problemas de matemática [...] Tudo o que se ensina na escola está diretamente ligado à leitura e depende dela para se manter e se desenvolver (CAGLIARI, 1996, p.148, 149).

De fato o que nos deparamos são pessoas que nunca aprenderam responder uma simples questão de matemática por não saber interpretar o texto ao seu real sentido com isso se cria uma dificuldade enorme para se aprender matemática, por, mas simples que pareça ser.

Como diria Smith (1978, apud Kato 1985), leitura é um processo no qual o leitor participa com aptidão que não depende basicamente de sua capacidade de decifrar sinais, mas sim de sua capacidade de dar sentido a eles compreendê-los.

Assim sendo, quanto mais cedo à criança tiver essa afinidade associada com os livros, mais cedo ela compreenderá a importância e o prazer que a leitura causa, e maior será a probabilidade dela tornar-se um leitor regular. Isso porque através da leitura a criança adquire um costume crítico-reflexiva, extremamente formidável a seu desenvolvimento cognitiva, pois, quando a criança ouve ou lê uma história, essa ação permite que perceba, decodifique, interrogue, duvide e discuta sobre ela.

De acordo com Solé (1998), poder ler, isto é, compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos contribui de forma decisiva para autonomia das pessoas, na medida em que a leitura é um instrumento necessário para que nos manejemos com certas garantias em uma sociedade letrada. Segundo STREET (1995), as práticas de letramento envolvem aspectos não só culturais, mas políticos e ideológicos.

Nessa perspectiva, o letramento é essencialmente um conjunto de práticas socialmente construídas que envolvem a leitura e a escrita, geradas por processos sociais mais amplos, e responsáveis por reforçar ou questionar valores, tradições e formas de distribuição de poder presentes nos contextos sociais (SOARES, 1998, p. 74 - 5).

Destarte, porém que uma sociedade sem leitura é uma sociedade pobre em conteúdo e em estilo de vida no que diz respeito ao quesito social, pois a leitura é a única maneira que o cidadão tem de crescer profissionalmente e ter uma vida digna.

### 3 HISTÓRICO DO ENSINO DE LEITURA NO BRASIL

A importância da leitura dentro do contexto histórico da humanidade sempre foi uma condição essencial para a construção do poder crítico do indivíduo, desde cedo as pessoas se comunicavam através de desenho e foi se desenvolvendo até chegar à leitura.

Segundo Zilberman (2001), a leitura intensiva, lida e relida, era vista como um fator negativo, prejudicial ao homem. Hoje em dia, a metodologia é diferente: é necessário ler, e nas falas dos educadores é bastante comum a reiteração da ideia da falta do hábito da leitura. Entretanto, também conviria controverter se, de fato, nossos alunos não leem aqueles textos que a escola dar valor e prioriza:

É nesta estética que Barbosa (1994) contribui pronunciando que: A leitura e escrita foram surgindo historicamente a partir do momento em que o homem aprendeu a comunicar seus pensamentos e sentimentos. Daí houve a necessidade em registrar as ideias sobre como funciona o sistema de comunicação.

Para entender os acontecimentos de sua época as pessoas devem possuir ferramentas que apenas o conhecimento pode transmitir sendo que ainda estamos longe de obter um resultado satisfatório, pois o empenho entre as pessoas que estão incumbidas desse processo não estão dando a devida atenção.

Segundo Aroucha 2010, pág. 29 Para ser eficiente, a escola necessita apresentar conteúdo significativo, instigante e desafiador, com o intuito de mobilizar o aluno aprender a aprender.

Como se percebe, a educação envolve novos momentos, devido à velocidade das transformações. Sendo assim é preciso adotar políticas e estratégias para conviver nesses ambientes de mudanças de valores, desaprendendo velhas práticas e adotando novas posturas. Para viver nesse mundo é necessário que a educação passe por uma grande reforma, e a escola tem papel social fundamental no sentido de ajudar a formar cidadãos incluídos tanto social quanto digitalmente.

Sabemos que a tecnologia está invadindo a sociedade e temos de estar preparados para essa mudança tecnológica, mas sabemos também que para essa

mudança é necessário primeiro uma mudança na educação que é passada para nossos alunos é preciso que os professores estejam capacitados tecnologicamente.

Não é admitido que em pleno século XXI, professores lecionando com métodos usados há séculos atrás, estamos em um mundo onde a cada dia surgem novas tecnologias e os professores devem estar preparados para repassar esses ensinamentos para seus alunos.

Sobre esse aspecto, Demo (2007) faz a seguinte ponderação: Não basta transitar pela informação. O fundamental é saber transformar informações em conhecimento próprio através de procedimentos adequados de aprendizagem. Que a aprendizagem virtual vai se impor e dominar o cenário futuro, não há escapatória. Cumpre, pois, também à escola educar as novas gerações para usar bem a nova mídia (p. 91).

Através dessas diferenças até agora debatidas, é imprescindível que a pessoa contemporânea tenha informações e capacidades que lhe admitam comentar e considerar, de atitude certa e independente, a quantidade de conhecimentos, exclusive as da hipermídia.

Conseqüentemente, ler o mundo, imaginado pelos mais transformados títulos semióticos, é indispensável a este sujeito, constituindo a autoridade leitora, assim sendo, uma condição conclusiva.

Segundo Orlandi (2000, p.39), “ler e escrever são, hoje, duas práticas sociais básicas em todas as sociedades letradas, independentemente do tempo médio com elas despendido e do contingente e pessoas que as praticam”. De acordo com pesquisas realizadas pelo Instituto Paulo Montenegro, 45% dos alunos concluintes do ensino médio mal sabem ler e escrever e destes, 26% que chegam à faculdade, não atingiram o pleno nível de alfabetização. Porém, houve um avanço ainda que tímido em relação ao nível de leitura em nosso país.

Distintos fatores colaboram para bloquear o trabalho com a leitura na realidade escolar brasileira, um exemplo é: uma pequena parcela de a população possuir acesso à leitura, a evasão escolar, professores sem capacidade ou informação das metodologias de leitura, bibliotecas públicas em número diminuído.

Além disso, não podemos esquecer outros fatores da realidade que contribui de maneira favorável no desenvolvimento de nossos alunos, como os valores adquiridos através dos livros e a cultura familiar, onde ter nascido em uma



família de leitores faz uma diferença bem grande, pois filhos de leitores com certeza se tornaram leitores assíduos.

Como se percebe existem professores que não estão preparados para uma educação que esteja voltada para as tantas mudanças sociais e políticas que exige mais empenho deles para dar uma educação de qualidade com isso com as novas exigências e as novas ferramentas que auxiliam os professores a dar às suas aulas um momento de diálogo e participação sem esses recursos os professores fazem com que suas aulas se tornem um momento de desânimo e desinteresse onde seus alunos não veem a hora do final da aula para se livrarem dos professores, porque os jovens de hoje estão muito difíceis no que diz respeito à atenção às aulas e com uma aula onde o professor só fala, fala e não renova os seus métodos é difícil que esses alunos se tornem obedientes e preparados para os obstáculos.

Diante do exposto é evidente que em uma aula onde não exista motivação fica bem mais difícil transmitir o conhecimento, pois os alunos não ficam atentos à transmissão do conteúdo dado pelo professor uma escola onde a aula é transmitida de forma dinâmica e interessante com certeza vai existir, mas interesse por parte dos alunos.

Para tal transformação é necessário que os nossos educandos se aprofundem, mas na leitura, pois não é necessário ter que ficar obrigando eles a ler, mas que isso se torne rotina na vida deles, e que eles sejam capazes de perceber que a educação deve ser dada de forma livre sem pressão.

Deste modo ficamos perplexos quando vemos que no Brasil a quantidade de livros lidos é o mínimo, surgindo questões acerca da leitura e indagações em torno da que é ser leitor. Para ser leitor basta ler. Simples. Se for leitor é apenas ler qualquer conteúdo, pois bem o Brasil é um país de leitores.

Pois a leitura está espalhada por todos os cantos das nossas sociedades as pessoas estão sempre lendo seja uma placa no trânsito, legendas de filmes, anúncios etc.

Diante do exposto o que não falta para o brasileiro é leitura, pois vivemos cercados por leituras seja visual ou audiovisual, porém não podemos esquecer que é considerado leitor aquela pessoa que leu ou ler um livro completo.

Em 2007, o número de livros lidos por habitantes era 4,7 por ano. Já em uma pesquisa realizada em 2013 esses números caíram e foi para a marca de 4 livros por ano.

Considerando essas pesquisas podemos levar em conceito que a maioria desses leitores está nas escolas, cursos de especializações ou em faculdades, ou seja, estão lendo porque é obrigatório e as leituras feitas por prazer são ainda menores que se está lendo, passando os olhos por cima, para cumprir meramente o papel de um leitor.

Segundo Kleiman, (2005) a leitura que não surge de uma necessidade para chegar a um propósito não é propriamente uma leitura; quando lemos porque outra pessoa nos manda ler, como acontece frequentemente nas escolas, estamos apenas exercendo atividades mecânicas que pouco têm a ver com significado e sentido.

Então fica difícil criar uma sociedade leitora onde a maioria das pessoas que se dizem leitores lê apenas porque estão sendo obrigados a fazer essa tarefa que deveria ser espontânea com isso percebe-se que a educação está longe de se desenvolver como todos desejam, devemos criar pessoas capazes de ler por prazer com vontade de ter seu desenvolvimento intelectual de maneira espontânea.

Formar leitores adequados que gostem de ler, que leiam para estudar e adquirir conhecimentos ou para obter informações para as mais diversas finalidades é formar as bases para que as pessoas transformem a sociedade e prossigam a instruir-se durante toda a vida e com isso possam ter uma vida desenvolvida e capaz de viver dignamente.

Porém o que se pode notar é que essa formação está cada dia, mas complexa, pois os alunos não se dão o trabalho de pegar em um livro e ler cautelosamente simplesmente pegam o conteúdo na internet sem se dar ao trabalho de nem sequer verificar a ortografia, porém ter ou fazer uma educação diferente capaz de causar mudanças significativas.

Nada obstante devemos lembrar a posição da família que é essencial para a formação de uma sociedade leitora se a família não tiver o hábito da leitura e não procurar incentivar os seus filhos à escola não terá tanto êxito na formação dessa criança sabemos que o primeiro conhecimento é adquirido na sua infância junto à família então cabe à família ensinar os primeiros passos na vida escolar de seus

filhos, pois com isso o educando se sentirá, mas confiante sabendo que a família está dando o apoio necessário para seu filho no desenvolvimento intelectual.

Segundo Foucault.

A leitura não é tarefa apenas da escola. É por isso também que a formação dos professores deve incluir contato com os pais, com bibliotecas de bairro e de empresa, com associações, de maneira a estabelecer intercâmbio entre as ações de informação e formação. (FOUCAULT, 1994, p.11)

Deste modo a importância da família na escola para formação do indivíduo é primordial, pois com o acompanhamento familiar que é essencial na vida de qualquer criança, pois a mesma se sentirá bem mais confiante em aprender por saber que a família está interessada em seu aprendizado aumentando assim seu adiantamento e se tornando um leitor assíduo e capaz de ler e interpretar qualquer tipo de texto.

Nesse segmento não tem como deixar de citar FREIRE, (2009, p.15).

Mas, é importante dizer, a “leitura” do meu mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado... Fui alfabetizado no chão do quintal da minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz.

A educação escolar necessita proporcionar momentos prazerosos de leitura que abrangem todo o contexto familiar e social em que o aluno está envolvido, potencializando a formação de um sujeito decisivo e reflexivo; pois é imprescindível que as práticas do professor em sala de aula atendam às necessidades reais do aluno, considerando-o participante ativo do seu processo de aprendizagem.

Assim sendo, a função fundamental da escola hoje é desenvolver estudantes apropriados a desempenhar o seu papel de cidadão, abrangendo criticamente os fatos sociais e nelas agindo, efetivamente. A tantas vezes, coloca-se como básico a construção da competência leitora desse aluno.

Devemos lembrar que os nossos alunos já chega à escola com uma carga de informação de mundo bem extenso, cabendo à escola sistematizar esses dados com propostas pedagógicas que atendam às obrigações específicas em relação à aquisição da leitura convencional.

A instituição de ensino é, em linha graduada de valor, a segunda responsável pela abertura e ampliação dos caminhos do leitor em direção à leitura de textos, sobretudo os escritos; entretanto, para muitos ela fracassa por não haver uma preparação tanto pedagógica como física para se ter uma educação aonde todos saem ganhando é preciso investir, pois nossos alunos necessitam de um espaço arejado e aconchegante para se ter um melhor desenvolvimento de suas ideias.

Nessa tendência, o letramento está relacionado com as formas como as práticas de leitura e a escrita se dão em determinados contextos sociais. Assim, a leitura como prática social "depende das instituições sociais que propõem e exigem estas práticas" (SOARES, 1998, p. 74).

Um dos desafios da escola é contribuir para o avanço na construção do conhecimento e, conseqüentemente, ensinar seus pensamentos e expressar suas opiniões, ou seja, ela é o principal meio por onde ocorre o desenvolvimento intelectual de nossos estudantes.

Entretanto o que se ver suas escolas más acabadas os diretores e alunos sofrendo com a falta de equipamentos pedagógicos que poderiam estar auxiliando no processo ensino aprendizagem dando aos alunos vontade de frequentar as aulas e aprender de verdade, pois a melhor maneira de tornar uma educação verdadeira é quando usamos recursos que estimulem os alunos a aprenderem de forma dinâmica e participativa, e com a ajuda de recursos com certeza teremos um resultado positivo.

### **3.1 Isabel Solé**

Segundo Isabel Solé (1988), as estratégias de leitura são as ferramentas necessárias para o desenvolvimento da leitura proficiente. Sua utilização permite compreender e interpretar de forma autônoma os textos lidos e pretende despertar o professor para a importância em desenvolver um trabalho efetivo no sentido da formação do leitor independente crítico e reflexivo.

No ato de ler prevalece, portanto, a liberdade por parte do leitor em fazer as suas escolhas. Sua prática permite ainda articular os conteúdos culturais; expandir a memória; estimular a produção de textos e determinar processos de pensamentos.

Possibilita ainda a formação de pessoas abertas ao mundo, cuja visão está voltada para o futuro (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2005).

Formar leitores autônomos também significa formar leitores que sejam capazes de aprender a partir dos textos. Para isso, quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte de seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitam transferir o que foi aprendido para outros contextos diferentes (SOLÉ, 1998).

No entanto o que Isabel Solé pretende com essa ideia é que os educadores devem criar estratégias eficientes capazes de manter a atenção dos alunos e despertá-los para a leitura, possibilitando o aprendizado e o seu desenvolvimento crítico, não esquecendo que para haver resposta positiva é preciso usar a teoria e a prática.

Nesse contexto, seria apropriado recomendar que a aprendizagem da leitura na escola seja essencial para a igualdade do aluno no mundo literário e para o desenvolvimento do cidadão, é da escola o papel de comunicação esses dados, porém, um ensino de leitura mal apostado pode causar estragos ao procedimento de influência mútua entre aluno e leitura.

Para que isso aconteça com eficácia na escola, o docente necessita buscar ser um intermediário, protegendo os alunos na descoberta de quais táticas necessitam aproveitar para estabelecer o significado daquilo que está sendo lido.

A partir das diferentes intervenções que sucedem antes, durante e depois da leitura, SOLÉ (1998, 73-4) sustenta que, na escola, devem ser ensinadas estratégias que ajudem a:

1. Compreender os propósitos implícitos e explícitos da leitura. Equivaleria a responder às perguntas: O que tenho que ler? Por quê? Para que tenho que ler?

2. Ativar e aportar à leitura os conhecimentos prévios relevantes para o conteúdo em questão. Que sei sobre o conteúdo do texto? Que sei sobre conteúdos

afins que possam ser úteis para mim? (Que outras coisas sabem que possam me ajudar: sobre o autor, os gêneros, e o tipo do texto...)?

3. Dirigir a atenção ao fundamental, em detrimento do que pode parecer mais trivial (em função dos objetivos definidos); Qual é a informação essencial proporcionada pelo texto e necessária para conseguir o meu objetivo de leitura? Que informações posso considerar pouco relevantes, por sua redundância, seu detalhe, por serem pouco pertinentes para o propósito que persigo?

4. Avaliar a consistência interna do conteúdo expresso pelo texto e sua compatibilidade com o conhecimento prévio e com o 'sentido comum'. Este texto tem sentido? As ideias apresentadas no mesmo tem coerência? É discrepante com o que eu penso, embora siga uma estrutura de argumentação lógica? Entende-se o que se quer exprimir? Que dificuldade apresenta?

5. Comprovar continuamente se a compreensão ocorre mediante a revisão e a recapitulação periódica e a auto interrogação. Que se pretendia explicar nesse parágrafo – subtítulo, capítulo -? Qual é a ideia fundamental que extraio daqui? Posso reconstruir o fio dos argumentos expostos? Posso reconstruir as ideias contidas nos principais pontos? Tenho uma compreensão adequada dos mesmos? 6. Elaborar e provar inferências de diversos tipos, como interpretações, hipóteses, previsões e conclusões. Qual poderá ser o final deste romance? Que sugeriria para resolver o problema exposto aqui? Qual poderia ser – por hipótese – o significado desta palavra que me é desconhecida? Que pode acontecer com este personagem?

Portanto, organizar atividades em que consistir em aciona essas táticas representará a probabilidade de adaptar meios de maturidade e autonomia para o leitor em desenvolvimento - o que deve ser precedência do aprendizado pedagógica. Isso será aceitável produzindo um trabalho, embora sabedor dos problemas essenciais ao procedimento, exato da aptidão de modificação nele contida.

Daí a inquietação com a composição do significado do texto, com as metodologias abrangidos nessa construção, com as táticas ativadas no procedimento de leitura e, especialmente, com a precisão de o professor adquirir uma nova atitude nas aulas de Língua Portuguesa.

É respeitável advertir que a educação da leitura muito bem aplicado em sala de aula colabora muito no que diz respeito às séries futuras do currículo escolar do aluno, tanto Ensino Médio quanto Ensino Superior. É indispensável que se tenha

uma boa formação no ensino fundamental que é o principal alicerce é onde o aluno se prepara para o ingresso no ensino médio, e quando o aluno se sente preparado para o novo nível e não possa vir sentir dificuldades ao obter as leituras determinadas nas disciplinas.

Sabemos que a educação do nível fundamental estar de costa para o futuro, ou seja, esta impossibilitando assim o avanço para a nova reforma educacional que estar em um nível muito alto, mas que não esta tendo o resultado esperado pelos que planejaram tal reforma.

Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura – que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura (Parâmetros Curriculares Nacionais: Secretaria de Educação Fundamental – Brasília, 1997, p.58).

Por isso é necessário saber onde se encontram os erros e a partir daí saber quais atitudes tomar, mas para que isso aconteça é preciso que haja uma ligação entre sociedade e escola, pois com esse ligamento é que será possível ajudar nossos alunos na leitura.

Nessa definição, o docente precisa ter em mente que para transmitir conhecimentos ou ensinar a ler não é apenas ensinar a decifrar as letras e as palavras, é formar leitores capazes de a se ver com textos nas mãos saibam ler de maneira clara e decodificar de maneira coerente.

É dele o papel de administrar a aula, proporcionando situações de leituras diversificadas, ajudando os alunos a interrogarem o escrito: como a procura de sentidos e de hipóteses, a partir de indicativos e de investigação, ajudando a elucidar suas favoráveis táticas, promovendo, assim, a intercâmbio e a participação. Assim com essas estratégias, despertando nos alunos o prazer pela leitura.

Compete ao educador estimular o aluno a ter o anseio pela leitura, é importante que ele todos os dias ao entrar em sala de aula faça uma leitura para a classe cogitando de diferentes formas e utilizando várias táticas, colocando-se na categoria de parceiro e servindo como modelo, passando segurança, de maneira que o aluno veja no professor o perfil de um bom leitor e perceba a importância da leitura na vida do indivíduo, seja na escola ou fora dela.

Destacamos o trecho a seguir retirado dos PCN (1998 69-70): A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc.

Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas.

Como diz Martins:

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem conforme seus próprios interesses, necessidades fantasias segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta.

O professor deve estar sempre à procura de atividades que proporcione aos alunos vontade de ler, e descobrir por si só o verdadeiro sentido da leitura lhe proporcionando momentos agradáveis.

### **3.2 Igedore Vilaça**

Bem se sabe que o Brasil não tem aperfeiçoado leitores, e os que conseguem serem alfabetizados, não sabe ou não aprenderam o verdadeiro sentido do que seja leitura, mas o que se vê são pessoas que só veem em sua frente um amontoado de letras e tenta tirar delas uma definição literal, mas muitas vezes impossibilitados de ler o verdadeiro significado real do texto é necessário formar leitores eficientes.

De acordo com a perspectiva psicológica, Silva afirma que o ato de ler ocorre de fato, quando acontece a abertura da consciência para aquilo que se deseja ler, não necessariamente texto verbal, escrito. A seguir, acontecem a



constatação do sentido e o cotejamento com outras leituras, com o intuito de transformar e atribuir significados.

Por essa razão é que faz-se indispensável o esboço dos agentes que podem estar ligada à deficiência e o interesse pela leitura e os costumes dos nossos leitores.

Para Koch (2009),

A leitura é um ato social entre dois sujeitos, leitor e autor, que interagem entre si, obedecendo aos objetivos e as necessidades socialmente determinados. É uma atividade na qual se leva em conta os conhecimentos do leitor, exige mais que o conhecimento do código linguístico, uma vez que o texto não é apenas um produto de codificação e o leitor não é apenas um leitor passivo ou somente aquele que decodifica os signos. Exige a intensa participação do leitor, pois ele aplica ao texto seus conhecimentos armazenados e adquiridos, facilitando a construção de sentidos.

Para formar um leitor crítico, é importante que desde o processo de aquisição da linguagem escrita e no ato de ler haja a compreensão por parte daqueles que ensinam que o processo de alfabetização se dará na medida em que a leitura da palavra esteja inserida na leitura do mundo e estimule a continuidade da leitura dele. (FREIRE, 1989).

Formar leitores nunca foi e não é tarefa fácil; pertence à família, escola e à sociedade incentivar a prática de leitura como um instrumento de libertação e de aprimoramento humano. Utilizando para isso estratégias e técnicas educacionais criativas e eficientes que seja capaz de despertar o interesse no estudante, motivando-o a não se limitar a ler somente no universo escolar, mas também fora dele porque a leitura deve se vivida e sentida se o aluno só ler quando estar em sala de aula à leitura ele não terá o mesmo sabor da que ele realizar em outro recinto sem ele estar sendo incentivado pelo professor com certeza será uma leitura prazerosa.

Os PCN's (2001) pregam ainda que a decodificação é apenas uma das várias etapas de desenvolvimento da leitura. Compreender, interpretar e avaliar as ideias percebidas é as outras etapas que, segundo Bamberguerd (2003, p.23), "fundem-se no ato da leitura". Deste modo, trabalhar com os diversos tipos de

textos, segundo os PCN's (2001), fazendo com que o indivíduo aumente as etapas de leitura, é contribuir para a formação de leitores adequados.

Diante dessa posição, procuramos envolver essa consideração para além do ato de leitura propriamente dita, considerando seu momento anterior, ou seja, o momento da escolha, da busca pela leitura.

Leitor dependente, a nosso ver, seria aquele que é capaz de encontrar na leitura, o seu bem estar sendo de acordo com suas mais variadas necessidades então forma leitor não é apenas ensinar a ler e sim ensinar a interpretar variados tipos de textos, pois é importante ensinar nossos alunos, a saber, lidar com textos de vários tipos.

Koch (1998) ressalta o fato de que:

Todo texto é perpassado por vozes de diferentes enunciadores, ora concordantes, ora dissonantes, o que faz com que se caracterize fenômeno da linguagem humana, como bem mostrou Bakhtin, como essencialmente dialógico e, portanto, polifônico.

Perante essa situação fica nas mãos dos educadores ensinarem a melhor forma de interpretar esses variados tipos de textos, sejam através de atividades de leitura oral ou silenciosa no caso os concordantes ora os discordantes o importante é promovendo atividades que tenham resultado significativo para os alunos no sentido de aumenta a seu aprendizado fazendo com que o aluno assimile a ideia do texto forma clara e objetiva entendendo o que o texto quer repassar para ele, ou seja, o sentido do texto.

Desafio social da leitura detém, como nódulo central, a habilidade da contra leitura, porque é com ela que podemos, com base na habilidade de brandir a autoridade do argumento, não só ir além do argumento, mas principalmente cultivar o saber pensar para melhor intervir. Ler significa tanto compreender significados quanto atribuir significados alternativos ao mundo, emergindo o leitor/autor. (DEMO, 2007: 23).

Destarte que a leitura deve ser feita de forma a ter sua total compreensão, pois de nada adianta lermos por lermos se assim não conseguiremos nenhum êxito

em nosso vocabulário que deve ser renovado sempre essa renovação se da diariamente com leituras e a melhor maneira de entender o texto é ler e reler quantas vezes for necessário para compreender o sentido do texto.

### **3.4 Angela Kleimam**

A leitura é vista em vários aspectos e diversos escritores define a leitura de uma maneira deferente, manifestando-se mediante essa circunscrição, o emaranhar do ato de incluir e a abundância de procedimentos cognitivos que institui o significado de um texto escrito.

Segundo Kleimam.

A compreensão de um texto parece amiúde de uma tarefa difícil, porque o próprio objeto a ser compreendido é complexo, ou, alternativamente, porque não conseguimos relacionar o objeto a um todo maior que o torne coerente, ou ainda, porque o objeto parece indistinto, com tantas e variadas dimensões que sabemos por onde começar e apreendê-lo.

Destarte que se os alunos ou a sociedade em geral não estão se empenhando em se fazer uma leitura ou se tornar leitores capazes de descobrir distintos tipos de textos e com essa situação a sociedade se tornara cada vez, mas afastada do verdadeiro valor e o saber que leitura transmitir.

Determinados conhecedores em leitura garantem que não há um artifício de captação de texto escrito, mas que há vários artifícios de leitura, ininterruptamente acionados, tanto quanto forem às finalidades do leitor, muitas vezes dependem da forma e dos diferentes tipos de textos.

Assim sendo, a formação do leitor (ou do não leitor) por meio da escolarização relaciona-se, fundamentalmente, a dois aspectos intrínsecos: as concepções de leitura - que permeiam as finalidades e objetivos da leitura na escola - e as práticas de letramento escolar.

A necessidade de expandirmos o universo de leitores ativos está profundamente prendida ao contíguo simultâneo de medidas que envolverão o estado e a sociedade. A leitura deverá ser sempre um meio e nunca um fim, deve ter

várias funções, pois é diferente ler para se divertir, para estudar, para escrever, para pesquisar etc.

Com um trabalho de formação de leitores realmente comprometido com resultados é esperado que o aluno pudesse abrir os olhos do leitor em potencialidade que há dentro dele e que ignora, e que em alguns momentos durante a vida escolar, possa também indicar as próprias leituras.

De acordo com KLEIMAN (1995), as práticas de leitura na escola sustentam-se a partir do “modelo autônomo” de letramento. Uma vez que a esse modelo de letramento escolar está essencial a crença de que a leitura é uma prática social ligada à possibilidade de progresso e de mobilidade social, a leitura na escola volta-se para a funcionalidade, ou seja, o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita equipando os aprendizes para lidar com situações concretas do cotidiano.

Assim, a leitura na escola, analisada como aprendizado social admite um atitude de arma e fica amortizada a instrumento para as classes populares subirem socialmente, fixar-se no mercado de trabalho, tornarem-se cidadãos.

Diante desta ideia lembramos a ideia de Foucambert (1994), para quem a escola, sozinha, não pode formar leitores. Para esse autor, atribuir à escola o papel primordial na formação de leitores é imputar-lhe uma tarefa que ela não pode realizar, já que a leitura é um aprendizado social, da mesma natureza que o aprendizado da comunicação oral.

“Com a leitura será como na fala: se o aprendizado se realizar através das práticas familiares e sócias, então e somente então, a escola poderá cumprir um papel fundamental de ajuda e de redução das desigualdades”.

Segundo o Livro Por uma Política de formação de Leitores (pag. 25): Cabe ainda destacar que a questão da leitura não pode ser tratada apenas para os que vão à escola, se não para todos que circulam em seu entorno. A responsabilidade social da escola - e do poder público - não se restringe aos usuários diretos, mas à rede da qual esses usuários participam e com a qual interagem.

Assim, o incentivo e a promoção de momentos de interação e debate sobre assuntos de interesse da comunidade, por meio de diversas iniciativas em torno da leitura, podem funcionar para instigar a curiosidade, estimular a pesquisa, o estudo e a busca por respostas em diferentes meios de informação, acessíveis até então, ou alcançáveis, a partir da intervenção pedagógica realizada na escola.

Diante desses dados o resultado esperado é uma sociedade deprimente no que diz respeito à leitura com isso é impossível torna uma sociedade capaz de se apaixonar pela leitura.

#### 4 A DEFICIÊNCIA DE LEITURA NO BRASIL

No instante em que o Brasil passa por um desenvolvimento econômico inigualável com queda nas taxas de mortalidade infantil e aumento nos índices de escolaridade na última década, segundo o CENSO 2010 do IBGE ainda a passos lentos e muito distantes do alcançado por países ricos a leitura o prestígio e a utilidade de outrora.

Pesquisas realizadas pelo Instituto Pró Livro e IBOPE Inteligência, a terceira edição do mapeamento “Retrato da Leitura no Brasil”. Mostra que ler esta entre as atividades, mas cotadas dos entrevistados.

O total de pessoas que afirmam cultivar o hábito de ler em seu tempo livre caiu, entre, 2007 e 2011, de 36% a 24%. Outro lado levantado pelo estudo, um dos mais repercutidos, da conta que 75% dos entrevistados jamais pisaram em uma biblioteca.

A leitura as práticas e as competências leitoras tem ocupado espaço considerável na educação e na mídia brasileira. Em 2003, o Brasil obteve desempenho insatisfatório em duas grandes pesquisas: uma em âmbito nacional instituto Paulo Montenegro divulgou que 72% de jovens são analfabetos funcionais, ou seja, não sabem ler e escrever. Em outra internacional, o PISA Programa Internacional para avaliação de Estudantes, o país ocupa o 37º lugar em letramento em leitura.

No Brasil, efeitos como esses quem sabe sejam frutos da realidade cotidiana de nossos alunos, que passam uma média de quatro horas por dia nas escolas e o tempo restante diante de um aparelho de televisão, brincando, ou ainda, na rua. Escassíssimos alunos costumam ler diariamente qualquer texto que não esteja vinculado às atividades escolares.

A maior parte de nossos estudantes não é determinada a ter uma afinidade contínua com a leitura e dela obter o máximo de proveito; eles não são instigados à investigação, ao acesso às bibliotecas, à produção e criação de textos. A leitura fica, entre as afazeres escolares, no patamar da obrigação: “a leitura pode até se tornar insuportável; um verdadeiro exercício de angústia” (Martins, 1994, p.51). O que deveria ser um prazer torna-se uma tarefa enfadonha e pouco

produtiva, marcas de ensino autoritário e inflexível praticado em muitas instituições de ensino nos dias de hoje.

Paulo Freire (2002, p.17) relata parte desse panorama educacional descrito anteriormente e que vivemos no cotidiano em sala de aula:

Não devemos esquecer que a preparação das escolas e dos professores é de grande contribuição para esse atraso. Pois o professor estar em destaque e talvez não estivesse preparado para essa posição.

Os professores como mediadores dos conhecimentos deveriam estar em constante transformação, ou seja, sempre passando por capacitações e com isso sempre renovando o seu papel de educador transformador.

Numa posição privilegiada, mas muitas vezes de difícil sustentação, ao professor coube à obrigação de dominar os conteúdos, técnicas e instrumentos, indicar leituras e ainda cobrar o aprendizado de alunos pronto para responder: nesta fantasia de um processo de ensino e aprendizagem idealizado, como esponjas os estudantes absorveriam os ensinamentos do mestre e responderiam prontamente a tudo o que lhes fosse perguntado. Como prova do sucesso deste modelo. Com a multiplicação dos saberes e a sua fragmentação, nem a escola, tampouco os professores, conseguem dar conta desse processo (SELIGMAN, 2008: 12).

Perante o carecimento dos procedimentos adotado pela escola para a assimilação das informações por parte do principiante e da falta de autoridade para o desenvolvimento e emancipação do cidadão, este passou a ser estimado próspero por possuir os bens materiais de última geração e por se manter conhecedor por meio do mundo tecnológico e midiático, mas devemos saber que de nada adianta todos esses métodos se não existir o prazer pela leitura, pois os alunos ficaram presos a esses métodos e esqueceram a leitura individual e pessoal que só é possível a traves de uma boa leitura realizadas através dos livros.

Por democratização das práticas sociais de leitura compreende-se a possibilidade de democratização do status de verdadeiro leitor, estendendo a todos o poder de transformar e de compreender o mundo. Assim sendo, podemos considerar que o que há de efetivamente político na formação do leitor é a garantia

das condições que permitam ao sujeito teorizar o real através da apropriação da linguagem escrita e assim mudar a realidade (FOUCAMBERT, 1994).

Nas palavras de SOARES (1998), "letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social".

Portanto sendo que o país estar passando pelo o que podemos chamar de crise na leitura, pois levando em conta esses dados o que vemos é uma situação bastante delicada em uns pais onde a maioria das pessoas nunca colocaram os pés em uma biblioteca às vezes tem ate vontade, mas por a existência de bibliotecas e quase que inexistente aonde poderia haver uma em cada esquina e que a maioria da população jovem é composta por analfabetos diante o que se deve esperar de uma sociedade tão deficiente no que diz respeito à leitura e em mudar essa situação.

O alcance que a aprendizagem da leitura se sedimenta e se torne um prazer, que o leitor aprende a disfrutar da leitura, estabeleça um contato diário aprendendo a dar valor sobre os enunciados apreendidos, sobre a validade e conformação das ideias, comparando-as com conhecimentos e leituras antecedentes.

É importante que a leitura repassada através dos livros seja apropriados de acordo com a fase etária dos alunos, e que a leitura seja feita em conjunto e em voz alta, adquirindo a representação de personalidades referenciados nos livros, possui fortes potenciais de motivação, permitindo uma forte envolvimento nas discussões seguintes.

O papel primordial das bibliotecas deve ser o estímulo para desenvolvimento de leitores, entretanto, reconhecemos a insegurança e, muitas vezes, inexistência de bibliotecas escolar quando existem são pobres em material didáticos isso faz com que nossos alunos não sintam vontade de frequentar a mesma.

Sobre as condições das bibliotecas das escolas públicas Silva (1997, p.53) afirma que:



A maioria das escolas públicas brasileiras não possui biblioteca e as que possuem estão em estado calamitoso de funcionamento, seja em nível de organização, seja em nível de atualização de acervos. Esta aberração é complementada por uma distorção completa das funções da bibliotecária dentro da escola, pois geralmente a biblioteca é conduzida e controlada não por um especialista, mas por um professor em fase de se aposentar ou em função remanejada, que o priva da sala de aula.

Esse ambiente que muitas vezes é visto como algo subsidiário necessitaria ser efetivo no espaço escolar, pois como já vimos o progresso na qualidade da educação só se fará com o desenvolvimento de leitores críticos que dinamizem a sociedade por meio do conhecimento.

Assim sendo, não se pode alienar a biblioteca do processo educativo, sem prejuízo para todos os interessados: o professor, que perde um grande aliado em termos de apoio técnico pedagógico; o bibliotecário ou responsável que vê seus esforços se perderem no vácuo das "impossibilidades" e, principalmente, os alunos que deixam de ter um grande instrumento de auxílio nas tarefas escolares e enriquecimento cultural na ampliação de seus horizontes e na formação de uma visão crítica (NERY et. al., 1989: 14).

Portanto, muitos colégios são persistentes a emprego da *internet* no espaço escolar. Escolhem desfrutar exclusivamente dos *DVDs*, projetores, e outras novas metodologias inferiormente polêmicas por serem mais fáceis de conter-se a "transferência da informação".

Ir contra essa "nova onda", pelo que se percebe o desperdiçar de tempo e recursos, pois "é difícil encontrar um aluno entusiasmado com a escola. Na contramão, é difícil encontrar um aluno que não tenha paixão pela nova mídia" (DEMO, 2007: 86).

Deste modo, a escola deve retirar utilidade dessa motivação e da ampla agilidade dos educandos, ou seja, juntar o útil ao agradável motivando os alunos a usar essas novas tecnologias a favor do desenvolvimento intelectual dos mesmos aprendendo a lidar com os novos artifícios e, igualmente, procurar instabilidades para lidar com a inovação meios de comunicação social e o ciber leitor, pois aprendendo métodos para estar usando as novas tecnologias em sala de aula

tornando a aula, mas prazerosa e o aluno se sente instigado a participar e com isso aumentar o seu conhecimento em diversas área do conhecimento.

Assim, cabe analisar que, enquanto os estabelecimentos escolares permanecerem na ideia metodológica e ideológica de não se comunicar através das novas informações que estão espalhadas pelos cantos da nossa sociedade, não se formarão leitores críticos e autônomos que saibam ler o mundo atual é necessário que todos estejam preparados para lidar com as mudanças que estão a todo instante tendo transformação.

Sobre esse aspecto, Demo (2007) faz a seguinte ponderação:

Não basta transitar pela informação. O fundamental é saber transformar informações em conhecimento próprio através de procedimentos adequados de aprendizagem. Que a aprendizagem virtual vai se impor e dominar o cenário futuro, não há escapatória. Cumpre, pois, também à escola educar as novas gerações para usar bem a nova mídia (p. 91).

Como se entende pelas alterações até agora discutidas, é cogente que o sujeito atual possua informações e disposições que lhe aceitem decifrar e analisar, de modo crítica e autônoma, a crescente quantidade de informações, inclusive as da hipermídia. Deste modo podemos considerar que ler o mundo, representado pelos mais variados sistema semiótico é imprescindível a este indivíduo, sendo a competência leitora, portanto, um requisito indiscutível, pois sabemos que o mundo estar exigindo cada vez, mas que as pessoas tenham conhecimentos variados.

Diante de tal porque não criar uma politica publica capaz de mudar a realidade das bibliotecas publicas e tornar a leitura, mas prazerosas e criar pessoas capaz de se tornarem leitores assíduos, pois se existissem uma forma mais fácil de manter o contato com os livros com certeza a realidade da leitura mudaria completamente.

## 5 POLÍTICAS DE LEITURAS NECESSÁRIAS PARA O BRASIL

A política tem a ver com tomadas de decisões. Uma política é pública quando as decisões tomadas são preparadas por pessoas ou grupos, os quais tenham importância, preocupação, opções e atitudes diversas de avistar o mundo. No tocante as políticas públicas quanto à administração, essas devem ser vistas como decorrências de atitudes entre atores distintos, e para que elas garantam direitos necessitam ser bem acompanhadas e discutidas pela comunidade e o poder público, para se obter as finalidades aspiradas nas decisões discorridas diante das obrigações recomendadas em relação às visões de mundo.

Nesse sentido, e percebendo que ao se abordar de uma política de formação de leitores não se está desconsiderando o desempenho da escrita, nem impondo a esta menos valor, relembra Paul Taylor (2003, p. 60), quando aconselha que “ninguém liberta pela leitura [...] Para ser governável, é preciso que se saiba ler. Mas só quando se sabe escrever é que se lê o que há para dizer. Quando nos tornamos autor, escritor, é que começamos a escrever o mundo”. O que constitui articular que é sucinto instigar e instigar o aluno de forma que ele seja não só consumista, mas também elaborador de tradição, compreendendo como tal.

E é a partir desse debate e da definição desses critérios públicos, que a melhor decisão pode ser tomada e a política, conseqüentemente, possa ser suplantada, praticada e avaliada em seus resultados.

Mas, algumas políticas públicas podem ser voltadas a um grupo ou segmento específico, conjuntamente, aliás, com respeito em suas particularidades e, buscando que este conjunto de cidadãos usufrua de seu direito, de maneira igualitária ao restante dessa sociedade.

Há algum tempo começaram a surgir várias políticas públicas voltadas para o incentivo à leitura, porém o que se vê são políticas fracassadas no que diz respeito ao seu desenvolvimento, pois muitas falharam. A escola ruim, além de não fazer bem, causa muitos males, como, por exemplo:

- Desperdício de recursos de quem a cria e mantém e perda de tempo de quem a frequenta;

- Diminuição da curiosidade e da vontade natural de aprender por parte dos alunos, que passam a ver a aprendizagem, a educação e a escola como coisas chatas, não desafiadoras, que nada têm a ver com as coisas boas e interessantes da vida;
- Fracasso escolar de alunos que poderiam aprender muito e com prazer em uma escola diferente mas que, em decorrência da experiência escolar, concluem que a causa do fracasso está em si mesmos e não na inadequação da escola.

É por isso que políticas públicas voltadas para a solução de problemas segmentados, ou específicos, não resolvem o desafio da qualidade na educação – em especial na educação pública.

Precisamos de uma abordagem sistêmica, que olhe para a educação como um todo, formal e não formal, e que seja radical, isto é: tenha por objetivo uma transformação radical e não pequenas mudanças que podem melhorar um pouquinho aqui e ali, que podem reformar um ou outro aspecto mais grave ou urgente, mas não afetam o todo de forma significativa.

Esse tipo de transformação radical e profunda precisa buscar real inovação, o claramente novo. Não basta melhorar, reformar o que já existe. Precisamos de transformação, não de reforma. Precisamos, na verdade, de uma nova educação, não de uma melhora na educação que temos.

Por tanto, Guareschel, Comunelo, Nardini & Hoesnisch (2004, p. 180), afirmam que política pública é:

[...] O conjunto de ações coletivas voltadas para a garantia dos direitos sociais, configurando um compromisso público que visa dar conta de determinada demanda, em diversas áreas. Expressa a transformação daquilo que é do âmbito privado em ações coletivas no espaço público.

Diante de tal fica explícito que essas políticas não foram criadas para o desenvolvimento intelectual dos alunos ou então não tiveram o empenho necessário por parte dos criadores das mesmas.

No fundo, todos nós sabemos que é verdade o que diz Jay Allard (ex-vice-presidente da Microsoft Corporation) na revista Business Week, edição de 4 de dezembro de 2006:

“Para mudar o mundo, precisamos imaginá-lo diferente do que é hoje. Se, nessa visão, usarmos muito do conhecimento e da experiência que nos trouxeram até aqui, terminaremos exatamente onde começamos... Para ter um resultado diferente, temos de olhar as coisas de uma perspectiva radicalmente diferente.

Abaixo estão algumas políticas públicas voltadas para a o incentivo a leitura.

Nos anos 70 nas escolas, deu o início a projetos de financiamentos de publicações de obras literárias. Já em 1980, a Fundação Nacional do Livro, em parceria com a iniciativa privada, colaborou com os projetos de incentivo à leitura que tinha como objetivo a melhoria e a aquisição de livros de literatura infanto-juvenil nas escolas públicas.

O PROLER – Programa Nacional de Incentivo à Leitura – é um projeto de valorização social da leitura e da escrita vinculado à Fundação Biblioteca Nacional e ao MINC – Ministério da Cultura. Presente em todo o país desde 1992, o PROLER, através de seus Comitês, organizados em cidades brasileiras, vem se firmando como presença política agente, empenhada com a democratização do ingresso à leitura.

Em 1992 foi implantado outro programa governamental, o Pró-leitura, com a finalidade de cooperar com a formação continuada dos professores na área da leitura, ou seja, para professores ativos na educação brasileira.

Em sequência aos programas com finalidade de diminuir os alunos com dificuldade na leitura, 1997 o Ministério da Educação e da Cultura (MEC), juntamente com a Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF), criaram o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) com o escopo de levar às escolas públicas diversos recursos para o incentivo à leitura, que é algo primordial para o desenvolvimento intelectual dos alunos e professores. Conforme o senso do MEC (1997) o programa atendeu aproximadamente vinte mil escolas públicas brasileiras.

Por conseguinte, o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) levou em consideração o nível de leitura dos alunos, de acordo com a realidade e a necessidade educacional dos estados. Com isso, em 2001, foi criado o programa Literatura em Minha Casa com objetivo de integrar nas práticas de leitura a escola e a família para auxiliar no desenvolvimento de leitores.

A preocupação do governo com a educação dos brasileiros através da leitura levou no ano de 2004, a criação do Programa Fome do Livro, cujo objetivo foi certificar a democratização da ascensão do livro e da leitura a todas as pessoas, a partir da concepção do valor da leitura a todas as pessoas, para que os cidadãos brasileiros fossem capazes de desenvolver suas competências de leitura.

Ainda em 2004, foram desenvolvidos mais dois programas: o Programa Nacional do Livro Didático PNLD e O Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio PNLEM, ambos com objetivos de distribuir livros didáticos no território nacional, concomitantemente, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio nas escolas públicas brasileiras.

Em 2006, foi criado o Plano Nacional do Livro e da Leitura para avaliar e aumentar a acessibilidade da leitura e do livro para toda a sociedade. O governo pretendia com esse programa mudar a realidade da leitura no Brasil, pois com a democratização da leitura ficaria bem, mas acessível os livros didáticos assim contribuindo para promoção da leitura e a desenvolvimento do leitor.

Como descreve Andrea Berenblum: A *leitura* como prática sociocultural, deve estar inserida em um conjunto de ações sociais e culturais e não exclusivamente escolarizadas, entendida como prática restrita ao ambiente escolar.

Portanto, pensar políticas de leitura extrapola o âmbito da escola - como *locus* e como função -, mas sem dúvida não pode prescindir dela, inclusive por ser a instituição pública das mais democratizadas - pela qual quase todos recentemente conseguem chegar e passar - ainda que, em muitos casos, descontinuamente e sem sucesso.

Basicamente a *leitura* engloba duas dimensões distintas, complementares e decisivas para a formação do pensamento autônomo: a *furtiva* e a *informativa*.

No sentido lato, a *leitura* deve - e pode - ser feita em variados suportes, assim como a partir de variados códigos, o que significa dizer que o acesso de alunos a práticas culturais e sociais como cinema, música, teatro, dança, pintura, fotografia, além da literatura, é, não somente desejável, mas indispensável para o domínio da complexidade de linguagens que circulam na sociedade contemporânea. Para isso, há que incentivar e respeitar a opção do aluno por determinada forma de manifestação artística, sem impor aquelas que, equivocadamente, são consideradas de maior prestígio.

Destarte para que esses programas tenha o objetivo desejado é necessária uma parceria com as escolas e comunidades, sendo monitorados a fim de se saber que estão em pleno funcionamento para se chegar a um resultado satisfatório.

Em relação às políticas governamentais, estas ainda são muito incipientes e se concretizam de forma inerte. Não há subsídios para que todos tenham acesso aos livros, sejam eles didáticos ou não didáticos, dificultando assim o hábito da leitura na escola.

De tal modo fica impossível a formação do leitor junto às políticas públicas que as mesmas estão aí para servir, porém estão meia que desviado de seu principal papel dentro do desenvolvimento de leitores competentes e capazes de evoluir.

### **5.1 A leitura e seu poder de transformar a sociedade**

Sabemos a leitura só se torna verdadeira quando estiver além daquela que fica além da decodificação, uma vez que o ato de ler é um artifício contínuo que induz a concentração e apreciação, a leitura possibilita expandir horizontes levando o leitor a distinguir outros mundos. Para Bamberger (1991, p. 07) “o direito de ler significa igualmente o de desenvolver as potencialidades intelectuais e espirituais, o de aprender e progredir”.

Cabe também destacar que a assunto da leitura não pode ser abordada exclusivamente para os que vão à escola, se não para todos que rodeiam em seu entorno. A responsabilidade social da escola - e do poder público - não se restringe aos usuários diretos, mas à rede da qual esses usuários participam e com a qual interagem.

Assim sendo, o apoio e o acesso de momentos de intercâmbio e debate sobre argumentos de empenho da sociedade, por meio de diferentes iniciativas em torno da leitura, podem laborar para estimular a curiosidade, estimular a pesquisa, o estudo e a busca por retornos em desiguais meios de conhecimento, compreensíveis até então, ou alcançáveis, a partir da influência pedagógica conseguida na escola.

O gosto pela leitura se dá de diversas maneiras. Neste contexto Carvalho (2005, p.67) comenta que:

Algumas pessoas criam o gosto pela leitura pelo exemplo dos familiares, outras, por influência de professores ou por circunstância fortuitas de suas histórias de vida. No entanto, a formação de leitores em grande escala, via escola, só ocorrerá se houver uma política de leitura, traduzida na adequada formação de professores leitores, na oferta abundante de bons e variados materiais escritos, e na instalação de bibliotecas e salas de leitura bem equipadas, dinamizados por bibliotecários.

Como podemos observar o gosto pela leitura se de varias formas e em vários âmbitos, mas para que isso aconteça é preciso pessoas preparadas a tornar realidade esse processo.

Quando falamos em criar bons leitores vem em mente que se deve ensinar na leitura um cogitar critico e arrastando o leitor a ponderar o papel produtor de sentido capaz de quebrar com os aspectos ilusórios dos textos, ou seja, ter a capacidade de interpretar o texto de forma entendida, bom à pessoa que se diz leitor tem que ter em mente que ser um leitor é saber ler um texto de forma a entender e se possível passar esse entendimento para as pessoas que estão ao seu redor. Segundo Kleimam:

A ação do leitor já foi caracterizada: o leitor já constrói, e não apenas recebe um significado global para o texto; ele procura aceitar e rejeita conclusões. Contudo não reciprocidade com a ação do autor, que busca essencialmente, a adesão do leitor apresentando para isso, da melhor maneira possível, os melhores argumentos, a evidencia mais convincente da forma mais clara possível, organizando e deixando no texto pistas formais a fim de facilitar a consecução de seu objetivo.

Sabemos que o mundo esta cheio de tecnologias com isso fica cada vez mais difícil de manter a atenção para a leitura, mas será possível mudar esta situação tão difícil de ser presenciada, diante de tais analises surgem varias respostas dentre elas esta a falta de empenho entre a sociedade, escola e mundo,



pois se todos formasse um elo para em prol da leitura com certeza a falta ou desinteresse pela leitura teria uma mudança considerada, com varias pessoas com o intuito de ajudar a transformar uma sociedade de leitores ficaria bem, mas fácil torna real essa situação.

A escola nesse contexto tomara a responsabilidade, não apenas pelo acréscimo cognitivo, como também pela personalidade dos jovens dos futuros profissionais a tendência é a de que ela possua características de uma “instituição total”.

Essa é a tese fundamental de Juan Carlos Tedesco (1998), segundo tanto a escola quanto a família, passam por uma ausência de sentido, que é ocasionada pelas transformações sócias, as quais provocaram um déficit de socialização que por sua vez as impossibilitam de transmitir valores e normas culturais com eficácia, por conseguinte, surge um novo agente socializador, as tecnologias de comunicação e informação, que não foi projetado para cobrir esse déficit.

Assim sendo, a formação do leitor (ou do não leitor) por meio da escolarização relaciona-se, fundamentalmente, a dois aspectos intrínsecos: as concepções de leitura - que permeiam as finalidades e objetivos da leitura na escola - e as práticas de letramento escolar.

De acordo com KLEIMAN (1995), as práticas de leitura na escola sustentam-se a partir do “modelo autônomo” de letramento. Uma vez que a esse modelo de letramento escolar está intrínseca a crença de que a leitura é uma prática social ligada à possibilidade de progresso e de mobilidade social, a leitura na escola volta-se para a funcionalidade, ou seja, o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita equipando os aprendizes para lidar com situações concretas do cotidiano.

Deste modo, a leitura na escola, considerada como prática social assume um estilo de arma e fica amortizada a aparelho para as classes populares elevar-se socialmente, inserirem-se no mercado de trabalho, tornarem-se cidadãos. Desta forma, suas leituras permanecerão restringidas a tais circunstâncias.

A leitura na escola deveria também "equipar" os alunos com a capacidade de se formarem através dela, constituindo-se como um meio para que estes possam relacionar-se íntima e subjetivamente com a realidade, no sentido de transformá-la.

Do mesmo modo, a leitura na escola se desvendaria da atitude de sonho que não se contrapõe, mas conclui a alvo da leitura escolar como arma e garantiria

então ao aluno, o status de verdadeiro leitor mudando a situação atual no que diz respeito à leitura.

Ao admitir como alvo da leitura escolar a leitura arcaica, o que tem sido verificado é que a escola acaba por afastar o aluno dos significados da leitura como arcaica e sonho, porque destaca a grafia e a leitura "de palavras novas", nutrindo o hábito da leitura afastada do real significado do ato de ler.

Diante deste quadro, deveria passar a existir uma semelhança estreita entre sociedade, produção, a organização da sociedade e a vida pessoal, apenas com essa junção que poderá ocorrer uma mudança significativa na realidade atual.

O aprendizado forma como um dos locais de luta entre racionalidade e subjetividade, sendo que essa última ficou onerada na organização do método educacional, cuja fundamental intenção é preparar o indivíduo para a relação racional com a sociedade. Por isso, o fundamental é dar destaque à aprendizagem das aparências universais, acima do particularismo e dos sentimentos.

Porém o que se vê são políticas mal elaboradas, onde o que se visa é apenas a questão política, com isso quem sofre é apenas a sociedade, pois com tanto desinteresse a situação só leva o Brasil a um patamar de leitura mais baixa e é a sociedade que sofre com tanto desinteresse.

Já é consensual que o Brasil não tem educando leitores, somente pessoas alfabetizadas, apropriados de interpretar um anexo de letras e depreender delas um significado rigoroso, mas muitas vezes impossibilitados de alcançar o nível da abrangência. Por essa razão é que recentemente faz-se imprescindível o estudo das causas que podem estar acopladas à falta de empenho pela leitura e os costumes dos nossos leitores.

Ler significa mais conhecimento, mais informação, capacidade argumentativa ampliada e desenvolvimento do raciocínio. Também resulta em um escrever e expressar-se bem. Mas ler requer esforço, tempo e motivação, razão para muitas dificuldades.

## 5.2 Algumas condições para se fazer bons leitores

No entanto para desenvolver bons leitores algumas qualidades são necessárias, que de acordo com os PCNS (1997) são: Dispor de uma biblioteca na escola, que ofereça um acervo de classe com livros e outros matérias de leitura.

Faz-se necessário planejar as atividades diárias garantindo que as aulas de leitura tenham a mesma importância que as demais, possibilitando aos alunos a escolha de suas leituras, trabalhar com rodas de leitura para que o aluno se sinta com desejo de aprender através de seu próprio empenho e a ajuda do professor.

Segundo Jensen (2002, p. 58), “um jovem que não esteja exposto a novas palavras nunca desenvolverá no córtex auditivo as células que lhe permitam distinguir corretamente diferentes sons”.

Neste mesmo sentido, Foucambert (1994, p.31) comenta que:

Para aprender a ler, enfim, é preciso estar envolvido pelos escritos os mais variados, encontrá-los, ser testemunha de e associar-se á utilização que os outros fazem deles – quer se trate dos textos da escola, do ambiente, da imprensa, dos documentários, das obras de ficção. Ou seja, é impossível tornar-se leitor sem essa continua interação com um lugar onde as razões para ler são intensamente vividas.

Compreendemos assim, que tão respeitável quanto ter acessibilidade ao material de leitura é ter condições adequadas para que ela aconteça de atitude que amplie muito mais que o bel-prazer, mas a entusiasmo pela mesma. Podemos assim expor que se fazem necessárias bibliotecas tanto públicas quanto escolares de característica positivas como acervos modernizados de acordo com o público que se quer atingir, com profissionais especializados para que possam dinamizar o espaço biblioteca.

A questão é que, em detrimento de todo o informação brotado a respeito do acontecimento do letramento, o que se tem feito em prol da leitura no Brasil tem sido insuficiente, dado a atitude provisória e a desarticulação crônica entre as ações do poder público e da sociedade civil no sentido de desenvolver uma política

permanente, compreensiva e consistente em favor da promoção à leitura e ao desenvolvimento do leitor.

Diante do acontecimento gera o que se tem podido descortinar através das avaliações e pesquisas dos organismos nacionais e internacionais citados: a pouca familiaridade dos brasileiros com aprendizados sociais de leitura.

Digamos que temos um longo caminho a percorrer no que diz respeito a desenvolvimento de uma coletividade de leitores, porém apesar do difícil acesso ao material de leitura no Brasil, precisamos continuar incentivando o hábito da leitura para que um dia possamos nos orgulhar e dizer que fazemos parte de uma sociedade que tem amor pela leitura.

Temos que ser bem, mas críticos no que diz respeito ao ensino da leitura cobrando das escolas e das famílias dos governantes, pois só com essa decisão conseguiremos fazer uma sociedade leitora, pois se todos se ajudarem poderemos formar uma população desenvolvida no quesito leitura.

Formar leitores competentes que gostem de ler, que leiam para estudar e adquirir conhecimentos ou para obter informações para as mais diversas finalidades é formar as bases para que as pessoas continuem a aprender durante a vida toda.

As táticas de captação e de esclarecimento imaginam a possibilidade de ser proporcional aos meios de maturidade e autonomia para o leitor em desenvolvimento, preferência do aprendizado pedagógico, ainda consciente dos problemas essenciais ao processo, mas certos da competência de modificação nele contida.

De acordo com Solé (1998).

Poder ler, isto é, compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos contribui de forma decisiva para autonomia das pessoas, na medida em que a leitura é um instrumento necessário para que nos manejemos com certas garantias em uma sociedade letrada.

A leitura é um processo interno, mas precisa ser ensinado é uma importante condição para que isso ocorra, ou seja, para o aluno aprender, é que ele veja e entenda como o professor faz para elaborar uma interpretação.

Os alunos necessitam assistir a um procedimento de leitura que lhes possibilite ver estratégias de compreensão do texto em ação em uma situação significativa e funcional para assim melhorar seu processo ensino aprendizagem e seu desenvolvimento intelectual.

O trabalho com a leitura em sala de aula é apresentado por Solé (1998) em três etapas de atividades com o texto: o antes, o durante e o depois da leitura. A autora torna a atenção voltada para o fato de que a maior parte das atividades escolares esta ligada em avaliar a compreensão da leitura dos alunos e não propriamente para o ensino de táticas que formem o leitor competente.

Para aprender as táticas, o aluno deve associar a uma atividade de leitura expressiva, assim, é preciso vivenciar situações de ensino de leitura em que se garanta sua aprendizagem significativa.

Assim como se trata de educar as táticas responsáveis pela compreensão, o aluno deve vivenciar e assistir ao que o professor faz quando ele mesmo se depara com a leitura ou com dificuldade de leitura.

Entendemos que é através da oscilação entre doutrina e exercício em situações reais de leitura, que o professor poderá com perceptibilidade alcançar a possibilidade palpável de acesso à informação, tornando-se e aperfeiçoando leitores dependentes e adequados.

Acredita-se que a leitura possibilita a conquista de autonomia, amplia horizontes, implica responsabilidades. É uma atividade individual, em que cada leitor atribui-lhe um significado, dependendo da experiência, vivência e do conhecimento que tenha. A leitura perpassa os âmbitos pessoais das relações e o social que se refere à oportunidade cultural, econômica, política, material.

Por outro lado, este condicionamento da leitura a um conceito ou uma nota decorrente da própria concepção que a escola perpetua, quando não oferece condições nem situações para que seja modificada ou transformada. Quando se pratica a leitura, condicionando-a a cobranças e obrigações, está se reforçando esta concepção e impossibilitando, pelos menos, o incentivo da leitura, dentro e fora da escola.

A educação não é sinónimo de criadouro de informações. A educação abarca uma aprendizagem ativa e cooperativa, com concentração sobre o conhecimento adquirida. Daí transcorre a precisão de leitura reflexiva, independente do apoio em que o texto é transmitido.

A educação compõe, sem sombra de dúvida, a mais importante vertente propulsora do desenvolvimento social, cultural e económico de um país, admitindo assim uma grande importância em nível pessoal, social, nacional e transnacional. Mas, para que o desenvolvimento educacional seja estimulado, o ambiente precisa ser correspondente a alcance, produção e exposição da informação.

## 6. CONCLUSÃO

Já está evidente que no Brasil não se tem formado leitores, somente pessoas alfabetizadas, apropriadas a decifrar um conjugado de letras e depreender delas uma significação literal, mas muitas vezes impossibilitadas de abranger o nível da compreensão. Por essa razão é que ultimamente faz-se imprescindível o estudo das razões que podem estar ligadas à falta de empenho pela leitura e os costumes dos nossos leitores.

Ler significa mais informação, o indivíduo aprende a ter maior capacidade de argumentar ampliando seu desenvolvimento intelectual. Quando se tem o hábito da leitura o resultado é percebido quando se escreve ao se expressa, pois terá, mas desempenho na comunicação. Entretanto ler precisa de tempo e dedicação para um melhor desempenho.

O presente trabalho mostrou os quanto às políticas públicas ajudaram e estão ajudando no desenvolvimento intelectual dos nossos estudantes, mas é preciso, mas melhoria dessas políticas para que chegue um dia onde não existir, mas nenhum nível de analfabetismo que todas as nossos estudantes sejam alfabetizado, mas para que isso ocorra é preciso, mas dedicação por parte dos governantes e da sociedade em geral.

E os alunos passaram a participar com mais entusiasmo nas aulas com interesse em dar sua opinião oralmente e por escrito e a buscar assuntos para motivar seu ponto de vista, Nesta metodologia, ainda que o aluno seja o ator principal, o professor, como intermediário, igualmente tem o papel em evidência.

## REFERÊNCIAS

AROUCHA, Gilberto Matos. **Gestão escolar é possível construir o que não foi construído?**/ Gilberto Matos Aroucha. São Luis: Estação Gráfica, 2010.

BRANDÃO, Helena. **Aprender a ensinar com textos didáticos e paradidáticos.** São Paulo: Cortez, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** 3. ed. Brasília: A secretaria, 2001.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o habito de leitura.** Editora Ática, 1991 5º edição.

\_\_\_\_\_, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura.** 7. Ed. São Paulo: Ática, 2000.

BERENBLUM, Andréa. **Por uma política de formação de leitores** / elaboração Andréa Berenblum, Jane Paiva. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental Parâmetros Curriculares Nacionais: língua Portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília 1997.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar:** um diálogo entre a teoria e a pratica. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.

CAMARA BRASILEIRA DO LIVRO – CBL. **Apresenta dados sobre o perfil do leitor nacional.** 2001. Disponível em: <<http://blog.livronet.com.br>>. Acessado em: 28/04/2007 EVANS, P. **Motivação.** Trad.: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística.** São Paulo: Editora Scipione, 1995.



DEMO, Pedro. *O porvir: desafios da linguagem do século XXI*. Curitiba, PR: Ibpex, 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FOUCAMBERT, Jean **A leitura em questão** – Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FOUCAMBERT, Jean. **A criança, o professor e a leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

KLEIMAN, Ângela. O impacto da leitura para o aprendiz adulto. **Revista Pátio**. 2005, fevereiro/abril, Ano IX, nº. 33, p. 14, 15, 16, 17.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1998.

RÖSING, Tania M. K. **A formação do professor e a questão da leitura**. Série Didática. Passo Fundo, 1996.

SILVA, Ezequiel T. **Leitura e realidade brasileira**. Porto alegre: mercado aberto, 1997.

\_\_\_\_\_, Ezequiel Teodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Editora Papirus, 1986.

\_\_\_\_\_, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e Leitura: ensaios**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2002. SOBRAL, Adail. *A internet*

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.